
PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Org.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. 380 p.

Patrícia Kunrath Silva*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

*O foco está nas festas. Nas festas como fato e como questão [...].
E que, por isso mesmo, se constituem em verdadeira perspectiva a partir da qual se penetra – com o perdão pela linguagem objetificadora – nas religiões, nas construções da infância e da juventude, na organização dos tempos, nas artes, na política, nas histórias, nas morais, no turismo, no trabalho, na loucura, na violência, na organização retórica. Tudo isso ganha nova luz.*

Otávio Velho

Festa como perspectiva e em perspectiva é um livro composto por uma pluralidade de artigos que nos conduzem por ricas propostas teórico-metodológicas e análises a partir de dados etnográficos e históricos na proposição de uma compreensão, de apreensão, dos “universos festivos”. Com aporte em diversas modalidades de eventos festivos, a coletânea apresenta ao leitor a possibilidade de refletir acerca da produção acadêmica crescente em torno do tema “festa” – *lato senso* – e suas abordagens, bem como seguir um percurso de leitura que traz à tona dimensões e problemáticas embasadas em olhares multiformes que se voltam ao tema. Questionar “o que é festa?”, extrapolar seu caráter muitas vezes substancializado de fato social em si (Durkheim, 1977), superar a noção da festa tratada como um epifenômeno de um cotidiano complexo. Todas são possibilidades que se abrem a partir desta leitura.

Na proposta de renovar e inovar olhares – sem deixar para trás ou desmerecer a produção, mas sim como um enfoque agregador, de avanço para uma

* Mestranda em Antropologia Social.

nova apreensão – a partir de uma gama variada de estudos apresentados por renomados pesquisadores brasileiros, que têm se dedicado ao tema da “festa”, esta obra condensa “diferentes formas de abordagens etnográficas e históricas do fenômeno festivo em modulações empíricas: cristotecas católico-carismáticas, ‘boias-frias’, festa infantil de aniversário, literatura, *funk*, música eletrônica, ciberarte, turismo religioso [...] relações entre festa e religião” (p. 14). A diversidade dos textos alcança ainda o nível das problematizações e análises que colocam em foco discussões sobre *performance*, ritual, violência, identidade, etc., além de explorar reflexões quanto ao lugar do pesquisador em campo e do próprio fazer antropológico.

Dividida em 17 capítulos condensados em três eixos ou blocos temáticos, a obra coloca em perspectiva: um viés teórico-metodológico, um bloco de cunho mais etnográfico e outro, histórico. Partindo da festa sempre como evento complexo, espaço paradoxal de rompimento e renovação em relação a uma ordem externa, o leitor é convidado a pensar, no encadeamento dos próprios textos, as ordens e universos simbólicos internos acionados em espaços muitas vezes caracterizados como liminares (Turner, 1974).

No eixo teórico-metodológico Léa Freitas Perez expõe reflexões acerca “do entendimento da festa em perspectiva, ou festa-fato” propondo passar para a sua apreensão como perspectiva, ou festa-questão. Partindo de noções de ritmos, alternâncias e periodicidades marcadas pelas festas, como ensinado por Mauss (1974) e Van Gennep (1978), a autora lança o questionamento: “Afinal, o que é festa?” A partir dessa provocação e ao mesmo tempo convite à reflexão, a autora propõe abordar a festa-questão como apreensão de uma perspectiva propriamente dita, superando e enriquecendo definições conhecidas e até consagradas nas ciências sociais, mas que se restringem a descrever e remeter a festa a um fenômeno externo, muitas vezes no campo das religiões, considerando a própria festa como um mero epifenômeno (p. 23).

Na esteira da discussão acerca do estatuto de carência conceitual da festa nas ciências sociais, Léa Freitas Perez traz à luz questionamentos acerca de teses lançadas quanto à “morte da festa” com o advento da modernidade.¹ Em seu argumento a autora mostra como a festa ainda está viva celebrando, renovando, selando pactos, uniões, trocas, sendo parte fundamental da vida social.

¹ Caillois e Bataille a partir do legado de Durkheim e Mauss.

De suas considerações irradiam indagações que orientam no sentido de se questionar e rever aquilo que se pensa e como se pensa a festa na antropologia.

Olhando para o interesse que as festas de santo despertam nos cientistas sociais, Renata de Castro Menezes lança mão da discussão acerca da “tradição e atualidade no estudo das festas” a partir de uma leitura de *Saint Besse*, ou São Besso, de Robert Hertz – publicado pela primeira vez em 1913 (p. 43). O culto alpestre, italiano, em homenagem ao santo, estudado pelo sociólogo – de certa forma pioneira pelo viés etnográfico e abordagem da cultura popular ou religiosidade popular – apresenta perspectivas distintas para as diferentes comunidades estudadas nos registros da montanha e da planície. Além de desenvolver uma reflexão sobre o fazer do pesquisador e desafios na produção antropológica, a autora reflete acerca das fronteiras – e seus rompimentos pela devoção – entre os grupos sociais, a própria organização social, disputas, tensões e questões de reivindicação de legitimidade entre eles. No entanto, a autora aponta que Hertz já destaca o poder de reunião na celebração apesar desses elementos de tensão e apresenta ao leitor as diferentes versões nas lendas sobre a vida do santo. É interessante observar como nessas leituras e seus encontros os sujeitos (re)apropriam-se das lendas e impregnam de criatividade as narrativas a fim de sobrepô-las e operá-las, e como também investem tempo e energia na realização das festas de devoção.

Fechando o primeiro bloco, Rita Amaral propõe “questões metodológico-organizativas do campo festivo brasileiro” (p. 67). A autora aponta o caráter fundamental, para o estado da arte em que se encontram os estudos sobre festas, de organizar e estabelecer parâmetros e diretrizes metodológicas claras que sirvam como padrão para possibilitar estudos comparativos e orientar uma forma de categorização dos dados.

Além disso, segundo a autora, certas definições e conceitualizações nos estudos de festas são fundamentais, como, por exemplo, a definição da intenção do evento (comemoração, celebração, cumprimento de um rito, ou outro). Categorizando os eventos em festas, festivais e festividades, Rita Amaral sugere também pensar – e aqui o leitor é remetido a lembrar o texto de Léa Freitas Perez – “o que é (ou não) festa”. Em suas considerações acerca de métodos e técnicas de pesquisa, a autora encerra seu texto propondo a aplicação e o modelo de uma “ficha catalográfica para o registro de eventos festivos”, sem dúvida uma iniciativa propositiva que representa objetivamente seu intuito

claro de organização e sistematização dos dados, passível de grande interesse para todos os pesquisadores que trabalham com a temática.

O segundo eixo, que trata de uma perspectiva mais etnográfica, pode ser subdividido em dois núcleos temáticos, como aponta Léa Freitas Perez, “um que se refere às diferentes modulações festivas do campo religioso brasileiro [...] outro que trata de manifestações festivas que mais recentemente têm despertado o interesse de pesquisa e que dizem respeito ao mundo do trabalho [...] da infância, ao comportamento e à música no universo pop [...] à arte e à literatura” (p. 15).

No primeiro núcleo o leitor encontra o texto de Emerson Sena da Silveira tratando das “Cristotecas católico-carismáticas” e problematizando questões de *performance*, tradição e identidade (p. 87). Com referências em Maffesoli (2001), Hannerz (1997) e Barth (1995), o autor estabelece uma reflexão acerca de fluxos, fronteiras e identidades aqui aplicada ao contexto da religião, festa e consumo, mas que pode ser pensada na problematização da própria identidade enquanto “juventude” dos atores em foco. Desejos, contenção, moralidade, *performance*, elementos acionados que ganham visibilidade nessa análise de um espaço que parece mediar relações e práticas atravessadas pela “intensa circulação dos corpos, emoções e consumo” (p. 103).

Wania Mesquita trabalha com a religião inscrita no espaço/tempo da “folia” (p. 105). Sua análise se desenvolve a partir do bloco evangélico no carnaval carioca, o bloco Mocidade Dependente de Deus, da Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul. Traçando um breve histórico do bloco por meio de entrevistas e depoimentos dos fiéis/foliões a autora aborda a participação e envolvimento destes na criação do samba e dos enredos enquanto dispositivos religiosos que devem alcançar o povo na rua, chamando para a religião. À significação e apropriação que esse bloco religioso faz do cenário da festa, se opõe a ideia de outros grupos religiosos que dela se afastam, não interagindo, mantendo uma dicotomia – nesse caso ultrapassada – do sagrado da religião *versus* o profano do carnaval. A autora indica ao leitor a importância de pensar a presença da religião em um espaço festivo que extrapola a esfera propriamente religiosa para pensar assim dinâmicas importantes da vida social brasileira, bem como o dinamismo e crescimento que esse segmento religioso tem alcançado no país (p. 117).

Em seu texto “Religião, festa e ritual como agenciamentos possíveis”, Fátima Regina Gomes Tavares coloca em foco as festas religiosas de

peregrinação atravessadas pela lógica do turismo religioso (p. 119). A autora discute e problematiza a questão da dicotomia das premissas coletivizantes *versus* individualizante e as fronteiras entre ritual e cotidianidade, propondo utilizar o conceito deleuziano de agenciamento para pensar as relações de alteridade.

A preocupação em lidar com as dimensões do público e privado nas festas religiosas pode ser encontrada no trabalho de Eufrázia Cristina Menezes Santos, que trata das festas públicas do candomblé como abertas a diversas leituras possíveis (p. 131). Ao demonstrar a significação dada pelos adeptos da religião, em que arte e culto praticamente se confundem, sendo a música, dança e canto formas de comunicação com o sagrado, a autora contrapõe a visão do público que assiste ao culto com curiosidade e interesse, mas em um registro distinto. Tratando da festa enquanto espetáculo religioso, Eufrázia Santos destaca elementos “a serem vistos” no ritual, dentre eles as roupas, a música e a dança, e encerra com a reflexão acerca da visão de mundo acionada e partilhada na festa ou no culto que apresenta “a vida como um *continuum* entre razão e não razão, entre arte e religião, entre *aiyé* e *orun*, entre magia e religião, deixando de lado as polaridades e antinomias que fragmentam nosso olhar e nossas emoções” (p. 150).

A temática da festa segue perpassando diversos contextos ao longo da leitura. Ao chegar na temática do “Sacrifício e festa no Xangô de Pernambuco”, de Roberto Motta, o leitor encontra um reflexão franca e bem-humorada que ilumina questionamentos também acerca do lugar do antropólogo em campo, sua biografia e trajetória contextualizadas e seu próprio *métier*. Partindo da relação entre comida e religião, *meat and feast*, o autor discute elementos do ritual de sacrifício, o sangue e a emoção, e pensa em termos da função de *bom pra comer, bom para ser e bom pra pensar*.

No segundo núcleo temático o leitor depara-se com mais uma rica variedade de objetos empíricos que passam pelo “Caxambu de Marafunda: ritual, memória e relações sociais”, texto de Oswaldo Giovanninni Junior (p. 175). A *performance* e a violência se apresentam como elementos fundantes no caxambu que, como demonstra o autor, vem passando por um processo de ressignificação a partir da criação da “Rede de Memória do Jongo e do Caxambu”. Jogo que consistia na disputa por versos entre dois participantes da roda, e que poderia levar à disputa física, hoje se vê sendo adaptada a práticas e políticas culturais. No entanto, o autor evidencia como reapropriações

são feitas e como os elementos fundantes atravessam o “novo formato”, tornando-se imperativo atentar à capacidade ativa e criativa dos participantes.

John Cowart Dawsey trata da festa dos “boias-frias” (p. 197). Da mistura do esgotamento físico e nervoso, nas carrocerias de caminhões de “boias-frias”, o autor observa surgir o clima de uma festa carnavalizante. Em jogos de deboches, sátiras da própria “loucura da loucura” de sua condição, estes trabalhadores parecem enfrentar a condição de suas existências com as festas nos trajetos de ida e retorno do canavial, alternando entre “autodeboches”, jocosidades com transeuntes, provocações com outros automóveis, etc. As descrições oferecidas no texto advertem ao lugar olhado das coisas, remetem às margens e indicam práticas e estratégias desses *bricoleurs* em festa jogando com os restos e as sobras de estruturas simbólicas.

Marcação do tempo, ritual de passagem e infância na sociedade contemporânea ocidental. Com estes marcos temáticos, Eliana Braga Aloia Atihé articula uma “reflexão imaginativa” acerca da festa infantil de aniversário (p. 211). Em sua pesquisa, a autora elucida elementos simbólicos dessa festa ritual, uma das poucas marcações de passagem que se mantêm significativas no cenário moderno. Abordando tanto festas de aniversário infantil das “elites” em formatos luxuosos – como as realizadas em uma limusine – quanto festas das “classes populares” com menos recursos financeiros, o texto mostra a centralidade que esta ainda ocupa no imaginário da sociedade e como a sua prática pode ser pensada em termos mesmo de um cultivo da alma.

A dimensão da violência dentro do espaço da festa é retomada por José Augusto Silva e Leila Amaral ao tratarem do universo *funk*. Mais uma vez trazido à tona um recorte de juventude – antes colocada em termos de uma juventude cristã por Emerson Silveira – o que se vê agora é afluência a disputa e a briga por uma moral do poder por meio de uma disposição: a disposição para a violência. O controle e a ordem são buscados pelos seguranças dos bailes, e estes, *DJ's* e *funkeiros* compõem o cenário típico da festa *funk*. No entanto, extrapolando essa esfera se pode depreender da leitura como esses jovens vão além do espaço restrito da “sua festa” e, organizados em galeras, acionam suas dinâmicas em contextos múltiplos como na Parada Gay, na Folia de Reis e na Banda Daki.

Das análises propostas não poderia faltar o olhar antropológico voltado ao cenário da música eletrônica e das *raves*. De pequenos universos *privé* a megaeventos internacionais, Pedro Peixoto Ferreira discute “Fuga,

transformação e sociogênese na música eletrônica de pista” (p. 255). A exposição de sua experiência de pesquisa junto ao *DJ* de *techno* Arlequim e os depoimentos do mesmo demonstram interpretações e significações de uma proposta de modulações da mente por meio da música e todo um ritual envolvido no que por muitos chega a ser chamado de uma “cultura *rave*”. Aliando ou não o consumo de drogas, evidencia-se aqui mais uma faceta de tantas possíveis de juventudes pensadas. São pequenos grupos ou massas de pessoas, de certa forma conectadas e engajadas em uma mesma proposta, em níveis mais “abertos” ou “fechados” da mente, para a condução do próprio *DJ* por meio da música.

Leila Amaral discute “O caráter festivo da ciberarte” com base na interatividade, olhando para construções artísticas digitais, o coletivo nesse universo, seu caráter sacrificial e as dimensões “humano e não humano” (p. 273). Como indica a autora, “coloco, assim, em destaque a característica principal a ser levada em conta nesta minha interpretação do caráter festivo da ciberarte: a interatividade e a ação colaborativa desencadeada e ampliada por essa vertente artística mediada por tecnologias” (p. 278). Sua reflexão se desenvolve apropriando-se de três movimentos interpretativos, que passam pelo sacrifício da noção ocidental de “in-divíduo” dando lugar ao “divíduo” por meio das conectividades, a falta de sentido do mundo e a passagem da condição humana transformada em “inumana” (Dyens, 2008) até chegar ao aparecimento do festivo na interconectividade.

Sobrepondo mais uma vez festa e violência, mas agora em planos distintos, Regina Coeli Machado e Silva desenvolve uma análise do conto *Feliz ano novo*, de Rubem Fonseca (p. 289). Atentando para os planos de vida e morte e a dimensão das possibilidades de violência nos centros urbanos, a narrativa do conto joga com “o medo, a impureza, a repugnância”. Quando um grupo de ladrões, sujeitos marginalizados da sociedade, invade a festa de ano novo de um grupo que desfrutava a “vida da festa”, e dá início a atos de violência, morte, violação dos corpos e sexualidades, instala-se o confronto dessas realidades que convivem nas metrópoles. Entretanto, a autora indica que por um momento o conto “subverte essa contradição, unindo dessemelhantes pelo excesso, formando uma unidade tensa em torno do valor precário da vida”.

Chega-se ao terceiro eixo, o eixo histórico, com os trabalhos de Lília Moritz Schwarcz, “A aclamação é uma festa!” (p. 313), e de Guilherme Amaral Luz, “Festa: barroca?” (p. 337), sobre festas na América portuguesa. Lília

Schwarcz trata da festa de Aclamação de Dom João VI, no Rio de Janeiro, colocando em questão a construção do cenário para a *performance* em uma celebração oficial e ritualística. Em uma análise que cruza antropologia e história, com recursos de imagens e trechos de versos e inscrições, é possível observar como se construiu um encantamento da festa, elemento central também de sua “eficácia”.

No que tange a festas do “período colonial brasileiro” em uma reflexão sobre “festas barrocas”, Guilherme Amaral Luz traz dados, imagens e reflexões teóricas que colocam luz novamente sobre a dimensão de poder e preenchimento do vazio pelos excessos que se faziam presentes nas festas em questão. O autor mostra que essas festas não seriam a suspensão do cotidiano nas colônias, mas sim “a sua extensão, o seu *spectrum*” – remetendo à pompa da monarquia – estando seu diferencial centrado nos efeitos que deveriam gerar, tais como “reafirmção de pactos políticos [...] desengano das vaidades e a percepção sensorial e afetiva da *concordia*. Em outros termos, as festas eram evidências exteriores de um teatro interior.” (p. 341).

A referência a esses artigos, nesta coletânea que abrange significativos estudos sobre festas produzidos na antropologia brasileira, indica a existência de uma pluralidade de olhares, enfoques, metodologias e arcabouço teórico sendo pensado e utilizado na área, ao mesmo tempo em que provoca e indica a possibilidade de espaços para pesquisa e aprofundamento das discussões no campo antropológico. Seja a partir de pontos intrínsecos à realização das festas, como mobilização dos agentes, a *performance*, violência, identidade, subversão e ordem – apontados nos textos –, seja a partir de um olhar voltado para o fenômeno festivo complexo, a partir dessa leitura fica patente a relevância dessa produção para a compreensão de dinâmicas sociais que extrapolam o “multiverso festivo” (p. 14).

Referências

BARTH, F. Les groupes ethniques et leurs frontières. In: POUTIGNAT, L.; STREIFF-FENART, P. *Théories de l'ethnicité*. Paris: PUF, 1995. p. 203-249.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

DYENS, O. A busca da espiritualidade na condição inumana: o exemplo da obra de arte digital. In: AMARAL, L.; GEIGER, A. (Org.). *In vitro, in vivo, in silicio*: ensaios sobre a relação entre arte, ciência, tecnologia e o sagrado. São Paulo: Attar: CNPq/Pronex, 2008. p. 297-308.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras chaves da antropologia transnacional. *Mana*, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

MAFFESOLI, M. *Sobre o nomadismo*: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974. v. 2.

TURNER, V. W. *O processo ritual*: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, A. *Ritos de passagem*: estudos sistemáticos dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis: Vozes, 1978.